

## “Ubigual” e “Tempo e Tecnologia”: dois projetos sobre questões de género

Maria Johanna Schouten

UBI

No projeto “*Tempo e tecnologia: uma abordagem de género para o contexto português*” são descritas e analisadas as representações e os usos gendrificadas do tempo, bem como o papel da tecnologia, tendo por base pesquisa empírica realizada nos distritos de Castelo Branco e Braga.

Focalizado é o ambiente doméstico, na consciência que este está estreitamente articulado com a esfera pública. O *householding* (as tarefas domésticas e o cuidar), embora pouco valorizado, é essencial para a reprodução física e social dos membros do agregado doméstico e, mais amplamente, para o funcionamento da sociedade.

Como se verificou neste projeto e noutros, é no ambiente doméstico que menos se progrediu no sentido de igualdade entre os géneros, sendo ali que as mulheres têm, em geral, muito mais responsabilidades e trabalho do que os homens.

Tendo em consideração a elevada participação das mulheres no mercado de trabalho, geralmente em regime de *full-time*, conclui-se que a acumulação das tarefas caseiras - apesar da existência hoje de mais tecnologias que, presumivelmente, as podiam ajudar - deixa-lhes pouco tempo para estudos, atividade cívica e de lazer, ou simplesmente descanso. Sendo assim, a desigualdade na esfera privada será uma causa importante da progressão mais lenta na carreira profissional que, de modo geral, se verifica entre as mulheres.

Felicitos a projeto UBIgual pela organização deste colóquio. Como já foi referido ao longo deste dia, uma outra atividade, bastante importante, desse mesmo projeto foi a realização de um diagnóstico organizacional sobre a igualdade de género na Universidade da Beira Interior. Neste diagnóstico foram levantados dados quantitativos e qualitativos que dizem respeito à comunidade académica, tanto na sua totalidade como especificados conforme as várias categorias existentes. Uma destas categorias é a dos/as professores/as e investigadores/as, e os resultados mostram que também neste grupo as desigualdades de género estão bem presentes. Não só existe um desequilíbrio quanto à ocupação dos vários níveis na hierarquia académica, mas também nos depoimentos e perceções de muitos entrevistados/as nota-se uma diferenciação entre os géneros, pouco favorável para as mulheres.

Um dos grandes equívocos na nossa sociedade acerca da igualdade de oportunidades entre homens e mulheres prende-se precisamente com a vida académica. Ouve-se muitas vezes a afirmação de que as mulheres já “conseguiram” alcançar muito - com referência à sua representação significativa na população estudantil. Mas o estatuto

de estudante, mesmo de estudante brilhante, não é garantia para uma bela carreira e de ascensão rápida, já que no contexto profissional mulheres inteligentes e com elevadas habilitações muitas vezes são ultrapassadas por homens.

Na Holanda, lembro-me das estratégias de muitos homens no mundo académico de «escapar» à sua família durante o fim de semana e após o jantar. Estes homens, citando com orgulho as muitas horas em que se dedicavam ao trabalho científico, pensavam ter assim as circunstâncias ideais para o desenvolvimento da sua carreira. Confiando os/as filhos/as e a gestão doméstica à mulher ou a outros, retiravam-se se na biblioteca, no laboratório ou no seu escritório no sótão, longe dos ruídos da vida familiar. As suas esposas, com formação académica ou não, nestes casos secundarizavam as suas próprias ambições. Na Holanda, um dos países mais «maternalistas» na Europa, onde a ideologia dominante ditava que a mãe devia estar em casa e disponível para a família, esta situação era considerada normal (Bouma, 2007). E ainda o é, embora seja certo que recentemente tem-se assinalado sinais de mudança e uma maior participação dos homens - académicos na vida familiar.

Mas a situação geral é que nos casais em que ambos têm atividades científicas/profissionais, as mulheres recuam caso considerem este facto necessário para o progresso da carreira do marido. Na Holanda, mas também noutros países.

Quanto a Portugal, estudos recentes vão na mesmo sentido. Emília Araújo (2005a: 161-187, 2005b: 198-200), por exemplo, verificou que o tempo para as mulheres que preparam o doutoramento é mais intensificado e fragmentado do que o tempo para os homens que se encontram nessa «fase», devido ao peso daquilo que entendem como as suas responsabilidades familiares. Rodrigo Rosa (2008: 213- 215; 285-364) observou como vários casais com alto nível de escolaridade tinham «trajetórias hipergâmicas», sendo que os homens faziam rapidamente carreira e as mulheres tinham menos ambições profissionais, cedendo oportunidades ao marido. Mais recente ainda é o estudo de Heloísa Perista (2010) sobre os usos gendricados do tempo, no ambiente privado e doméstico, de profissionais na investigação científica.

Estes estudos ressaltam, em muitos casos, uma atitude de resignação das mulheres que pode chegar a uma subordinação aos desejos do cônjuge. O uso diferente do tempo (o que para os académicos tem consequências para a produção científica) evidencia-se em famílias chamadas tradicionais (homem e mulher, com ou sem filhos/as, tendo igualmente lugar entre os e as solteiras. Estas últimas manifestam

maior tendência para o cuidar dos familiares, principalmente os doentes e idosos, em comparação com os homens.

Isto tudo indica que a maior participação das mulheres na vida pública, por vezes em posições topo, é geralmente conseguida com grandes sacrifícios aos níveis pessoal e familiar. Nas relações de género, tem sido na área doméstica que menos alterações se registaram. O que nesse ambiente acontece, principalmente no que toca à divisão das tarefas e ao diálogo entre os membros do agregado, influencia todos os aspetos da vida.

O uso desigual do tempo doméstico é uma das motivações para o projeto, a ser realizado por investigadoras da UBI e da UM, designado *Tempo e tecnologia: uma abordagem de género para o contexto português*. Tem tido, como base de pesquisa empírica, os distritos de Castelo Branco e Braga. Este projeto visa descrever e analisar as representações e os usos gendricados do tempo, na esfera pública e privada.

Está também problematizado o uso diferencial das tecnologias que em princípio deviam ajudar em poupar tempo: os eletrodomésticos, os meios de transporte, as TIC's. No entanto, nem sempre estas tecnologias facilitam a vida. Verificou-se já noutros países, onde os aparelhos domésticos têm pertencido ao dia a dia mais tempo do que em Portugal, que a introdução dessas máquinas provocou uma subida dos padrões normativos do trabalho doméstico (Cardia, 2009). A máquina de lavar, por exemplo, leva a um maior número de lavagens da roupa, enquanto a presença de um aspirador convida à execução de mais limpezas. Em todos estes casos, são em maioria as mulheres que executam essas tarefas, tal como acontecia antes da «mecanização».

Telemóveis e internet podem flexibilizar e agilizar a vida diária e providenciar um *interface* melhor entre vida profissional e privada, mas este facto significa uma intrusão dum ambiente no outro, provocando, potencialmente, uma perturbação da concentração e tensão. Estas, cada vez mais frequentes, incursões mútuas, a qualquer hora do dia, são mais comuns no caso das mulheres.

Na pesquisa *Tempo e Tecnologia*, efetuada por meio de inquérito por questionário, sessões de *focus group* e entrevistas, confirmaram-se estas tendências, sendo que o cruzamento com outras variáveis (como fatores sócio-económicos e idade) produziu uma figura bem diversificada. Para as mulheres, conclui-se que a acumulação das tarefas caseiras - apesar da existência hoje de mais tecnologias que, presumivelmente, as podiam ajudar - deixa-lhes pouco tempo para elas. Tempo que

podia ter sido utilizado para estudos e investigação (como no caso dos investigadores científicos), para atividade cívica, lazer, ou simplesmente descanso. Essa desigualdade persistente na esfera privada significa, para as mulheres, um travão na carreira profissional. Os resultados e análises finais do projeto *Tempo e Tecnologia* serão revelados nos próximos meses. Valerá com certeza a pena comparar e relacionar estes com algumas conclusões do projeto *UBIqual*.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Emília Rodrigues (2005), *A fase: ritmos camuflados nos usos e representações do tempo. O caso do tempo de dispensa de serviço docente para doutoramento*, Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga.

ARAÚJO, Emília Rodrigues (2005), "Understanding the PhD as a phase in time", *Time and Society*, 14, pp. 191-211.

BOUMA, Japke-d. (2007), "Hier heerst geloof dat moeder thuis moet zijn", *NRC Handelsblad*.

CARDIA, E., (2009), *Household technology: was it the engine of liberation?*, Université de Montreal and CIREQ.

European Commission (2009), *She figures 2009. Statistics and indicators on gender equality and science*, Brussels. [[http://ec.europa.eu/research/science-society/document\\_library/pdf\\_06/she\\_figures\\_2009\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/research/science-society/document_library/pdf_06/she_figures_2009_en.pdf)].

OLIVEIRA, Catarina Sales de (coord.) (2011), *Projeto UBIqual. Diagnóstico organizacional*, Covilhã: Universidade da Beira Interior, Centro de Estudos Sociais.

PERISTA, Heloisa (2010), "Mulheres, homens e usos do tempo - quinze anos após a Plataforma de Ação de Pequim, onde estamos, em Portugal?", *Revista de Estudos Demográficos*, 47, 3, pp. 47-63.

ROSA, Rodrigo (2008), *Escolha do cônjuge e modos de construção da distância social no casal*, Tese de Doutoramento, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

SCHOUTEN, Maria Johanna; ARAÚJO, Emília; SIMÕES, Maria João; AUGUSTO, Amélia; SOUSA, Helena (2010), "Time and technology: a gender approach for the Portuguese context", *VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Género*. Curitiba, 5-9 abril. [[http://www.ppgte.ct.utfpr.edu.br/eventos/cictg/conteudo\\_cd/E12\\_Time\\_and\\_Technology.pdf](http://www.ppgte.ct.utfpr.edu.br/eventos/cictg/conteudo_cd/E12_Time_and_Technology.pdf)].

[www.tempotecnologiagenero.com](http://www.tempotecnologiagenero.com)

#### SÍNTESE BIOGRÁFICA

Doutorada em Ciências Sociais e Culturais na Vrije Universiteit em Amesterdão. Professora Associada com Agregação do Departamento de Sociologia na Universidade da Beira Interior e investigadora no CICS, Universidade do Minho. Fez pesquisas sobre países europeus (em especial, Portugal) e asiáticos (em especial, a Indonésia). Atualmente, as suas principais áreas de investigação são Sociologia e Antropologia do Género, Sociologia da Família, Sociologia da Saúde, e Antropologia e História do Sudeste Asiático.